



CELEBRAÇÃO DO ANO PAULINO

A CRUZ NOS ESCRITOS E ENSINAMENTOS DE SÃO PAULO

Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada

Igreja da Encarnação, 2 de Abril de 2009

- 1. Introdução.** No contexto destas breves considerações sobre a vida e a doutrina do Apóstolo das Gentes, a propósito do Ano Paulino decretado pelo Santo Padre Bento XVI, não podia faltar uma intervenção subordinada à Cruz. Por uma feliz coincidência, ocorre esta intervenção em pleno tempo da Quaresma, já próxima a Semana Santa e o Tríduo Pascal, em que a liturgia da Igreja comemora o mistério da paixão, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- 2. O sinal da cruz.** A Santa Cruz é o principal símbolo cristão: ao iniciar a oração, é da praxe que o cristão faça o sinal da cruz, a bênção tem também a configuração de uma cruz que o sacerdote traça, com um gesto, sobre a realidade que abençoa. Os catecúmenos são persignados com este mesmo sinal da cruz, logo no início da celebração baptismal, não apenas pelo oficiante, mas também pelos seus pais e padrinhos. A eucaristia inicia-se com o sinal da cruz e conclui-se com a bênção sacerdotal. As sepulturas onde jazem os corpos dos cristãos que aguardam a ressurreição da carne, costumam estar identificadas com a cruz, como também o estão os edifícios destinados ao culto, em cujos interiores a cruz aparece com profusão, sobre o altar e, em seu redor, repetida catorze vezes, tantas quantas as estações da Via-sacra.

Por esta razão, é este também o símbolo que distingue os Cavaleiros e Damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém: a pentacruz. Poder-se-ia até dizer



que esta insistência é já de si muito significativa: se todos os cristãos estão chamados, pelo divino Mestre, ao seu seguimento, carregando cada qual com a sua cruz, os membros da Ordem do Santo Sepulcro foram convocados para uma ainda mais exigente missão: não se devem contentar com o cumprimento dos seus deveres cristãos, mas devem sentir-se obrigados a exceder-se na sua vida cristã. Esta excelência da caridade que, numa palavra, é o que a Igreja entende pela santidade, pode ser entendida no sentido de que o seu amor a Deus e ao próximo deve ser multiplicado por cinco, como cinco são as Chagas de Cristo e cinco também as cruces do seu hábito religioso. Mas esta simbólica insistência pode ainda significar que a Dama ou Cavaleiro da nossa Ordem deve sentir o apelo da caridade de Cristo, que nos obriga a carregar também com as cruces dos nossos irmãos mais necessitados da esmola da nossa oração e da nossa empenhada solidariedade, como é o caso dos cristãos da Terra Santa.

Que a gloriosa pentacruz que envergamos nas nossas insígnias e hábitos não seja para nenhum de nós motivo de vanglória – que mais não é do que isso mesmo, uma glória vã – mas, pelo contrário, sinal de Deus para uma mais efectiva entrega à Igreja e a todas as almas através do fiel cumprimento das nossas obrigações como Cavaleiros e Damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém.

- 3. O escândalo da cruz.** Se, por um lado, poder-se-ia dizer que, dada a insistência deste símbolo cristão, a cruz já não nos surpreende nem interpela, também é verdade que, muitas vezes a sua presença, já não simbólica mas real, causa-nos algum embaraço e, até, escândalo.

Com efeito, quanto Deus permite que na nossa vida surja inexplicavelmente algum sofrimento ou alguma contrariedade de monta, quando somos chamados a consolar alguém a quem foi diagnosticada uma grave doença, ou temos que partilhar a dor de alguém que padece um luto recente, temos alguma dificuldade em explicar esses acontecimentos dolorosos à luz da infinita misericórdia de Deus. Algo semelhante ocorre também quando somos confrontados com tragédias ou desgraças naturais, em que a brutalidade dos elementos da natureza e os seus resultados desastrosos são dificilmente compagináveis com a bondade da criação e do próprio Criador.



A reacção porventura mais cómoda, mas não certamente a mais lógica, seria a de negar qualquer intervenção divina nesses nefastos acontecimentos ou, então, negar a bondade e o amor que a Deus a religião cristã tão insistentemente professa. Mas, se este último procedimento iria contra a essência do próprio Deus, que São João descreve muito expressivamente como sendo amor, aquele outro argumento seria contraditório com a própria natureza divina, porque um Deus que não é também senhor de toda a criação e, em última análise, sua primeira causa, não é digno desse nome.

Neste contexto, não é de estranhar que a filosofia moderna, perdidas as suas referências cristãs, olhe para o Cristianismo com alguma desconfiança. Nietzsche, por exemplo, via a doutrina cristã como «a religião do sofrimento» e entendia que a aceitação passiva do infortúnio, apenas porque é Vontade de Deus, é o paradigma de uma moral de escravos, de seres humanos tão submissos que a sua fidelidade aos desígnios da divina Providência mais não seria do que um pueril e cobarde servilismo.

Outros houve que entenderam que a apologia do sacrifício corresponde à mentalidade vetero-testamentária, mas que a Nova Aliança teria abolido definitivamente todos esses primitivos e certamente bárbaros resquícios de uma velha religião, felizmente já ultrapassada. Exemplo desta mudança de mentalidade seria o trecho do livro dos Génesis em que se refere o sacrifício de Abraão: enquanto o Deus antigo teria pedido ao santo patriarca a imolação do seu filho inocente, o Deus novo sustém, in extremis, o braço homicida do pai de Isaac, salvando a vida deste. Muito embora uma tal leitura resultasse muito conveniente, na realidade não colhe, não apenas porque em Deus não há antiguidade ou modernidade que O distinga, mas também e sobretudo porque é o Deus da Nova Aliança que, não obstante as súplicas do seu Filho unigénito muito amado, O obriga a morrer crucificado, para que assim cumpra um desígnio eterno. Mais ainda, a cruz não é apenas, como se disse já, um mero incidente na vida do Salvador, mas parte integrante de todos os itinerários cristãos, porque, sem cruz, não pode haver um verdadeiro seguimento de Cristo.

- 4. O mistério da Cruz nos Santos Evangelhos.** Respigar tudo o que no Novo testamento se afirma sobre este insondável mistério é empresa que excede, em muito, o modesto



propósito destas notas. Contudo, não podem faltar, ainda que de forma manifestamente insuficiente, algumas breves referências sobre o entendimento da cruz nos Santos Evangelhos.

4.1. *A contraposição entre a sabedoria dos homens e a sabedoria de Deus.* A propósito da instituição do primado de Pedro, origem histórica do papado, Jesus profetiza a sua própria paixão e morte. Uma tal revelação, no contexto da precedente criação de uma instituição à qual se garante o dom da infalibilidade, não pode deixar de surpreender o atónito Simão, filho de João, que, chamando o Senhor à parte, O repreende por este motivo. Ao atrevimento de uma tal censura, ainda que fundada no seu amor pelo Mestre, Jesus contrapõe a sabedoria dos homens à de Deus: «*Retira-te de Mim, Satanás*» – diz a Pedro – porque «*tu serves-Me de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas dos homens*» (Mt 16, 23).

Sem prejuízo de uma mais competente exegese, sublinhem-se dois aspectos que parecem particularmente relevantes para o tema em apreço. Em primeiro lugar, Jesus não censura Pedro porque é pouco inteligente ou perspicaz, muito embora não tenha a sabedoria das coisas de Deus. Ou seja, a cruz deve ser entendida como um mistério e, por isso, não está ao alcance da sabedoria dos homens, por muito sábios que humanamente possam ser. A nossa impossibilidade de explicar uma realidade dolorosa não releva insuficiência intelectual, mas a transcendência de uma realidade que não está ao alcance da razão humana. Em segundo lugar, a cruz, não obstante o seu evidente carácter misterioso e transcendente, é também «sabedoria», não natural mas sobrenatural, mas não um absurdo ou uma total ausência de razão. Se a cruz faz parte da «*sabedoria das coisas de Deus*», é então forçoso admitir que a mesma cumpre uma função no providente plano divino. Ainda que a sua realidade sobrenatural a situe para além da razão humana, não é algo absurdo – recorde-se o adágio «*credo, quia absurdum*» - ou contrário à inteligência, muito embora o entendimento humano, dada a sua limitação, não logre a sua imediata compreensão.

4.2. *O mistério da cruz na lógica da salvação.* É São Lucas quem noticia dois acontecimentos que poderiam ser genericamente entendidos como catástrofes: a liquidação de alguns galileus por Pilatos e a derrocada da torre de Siloé, que provocou



a morte de dezoito homens (cfr. Lc 13, 1-5). Em ambos os casos, não parece haver qualquer relação de causa e efeito que torne compreensíveis aqueles fenómenos e, com efeito, ao arrepio do que era comum entre os judeus, Jesus Cristo expressamente recusa uma tal leitura, ao negar que as vítimas destas tragédias fossem mais pecadoras do que os outros seus concidadãos e que, por isso, tivessem sido merecedoras daqueles eventuais castigos divinos. Contudo, o seu discurso conclui de forma enigmática: «*se não fizerdes penitência, todos perecereis do mesmo modo*» (Lc 13, 5).

Como entender esta sentença, que quase reveste uma velada ameaça? Se não morreram os que eram mais culpados, porque se profetiza aos impenitentes uma calamidade análoga?! É evidente que não se pode estabelecer uma correlação entre a culpabilidade dos sujeitos e os acontecimentos que os afectam – noutra passagem, Jesus também esclarece que a cegueira de um pedinte não é uma maldição que lhe fosse devida pelos seus pecados, ou os dos seus maiores – mas sem negar, contudo, que esses factos revestem uma misteriosa utilidade no plano da salvação daqueles que os padecem. Ou seja, não são castigos que Deus envia aos mais pecadores, como julgava a opinião pública judaica, mas caminhos extraordinários para a salvação, o que explica que o Senhor tenha que a eles recorrer, também em benefício de quantos não tomarem a iniciativa de fazer penitência. Portanto, nesta perspectiva, a cruz é aquela graça sobrenatural que nos permite alcançar a penitência dos nossos pecados e, por conseguinte, a salvação. Ainda que penosa, como decorre da sua natureza sacrificial, é sempre salutar: não é castigo, mas dom, não é expressão da implacável justiça de Deus, mas expressão amorosa da sua infinita misericórdia e do seu paternal empenho em que todos os homens alcancem a salvação.

4.3. *A glória da cruz.* Mais enigmática é, contudo, a apologia que, da cruz, o próprio Cristo faz a uns quantos gregos que O procuram (cfr. Jo 12, 20-33). Note-se que neste caso já não há nenhum contexto de penitência que, por assim dizer, justifique a razão do supremo sacrifício, pelo menos em termos pessoais, na medida em que o Senhor não carece qualquer justificação. Contudo, encara a cruz, a sua cruz, não apenas com a mansidão de um filho obediente, mas com a alegria de quem se encaminha para a sua glória, não entendida como exaltação pessoal, mas máximo testemunho de amor. Neste último sentido, a Cruz cristã é apreendida como graça e glória, porque a grandeza do



ser humano não se mede em função do seu poder, da sua riqueza ou da sua fama, mas do seu amor. Mais ainda, a realidade desse amor não pode ser validamente aferida senão pelo contraste do sofrimento e, por isso, convinha que o amor de Jesus Cristo ao Pai e à humanidade fosse testemunhado pelo seu próprio sofrimento, porque ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. Podemos crer em quem nos declara a sua amizade, em quem nos promete a sua ajuda, mas essas palavras podem vir a ser desmentidas pela realidade; pelo contrário, quem sofre por nós e fá-lo apenas porque o quer fazer, sem nenhum interesse pessoal, oferece-nos um testemunho incontrovertível. Foi assim que Deus nos amou e ama em Jesus Cristo Nosso Senhor e esta é a glória do Seu Filho muito amado, mas também a de quantos seguem o seu mesmo caminho.

Refiram-se, de passagem, os martírios de Pedro e de seu irmão, André. O primeiro, não obstante a sua condição de Apóstolo e primeiro Papa, não se achou digno de morrer como Jesus e, por isso, segundo a tradição, pediu que o crucificassem de cabeça para baixo. É significativo que não encara a cruz como uma maldição, um castigo ou, sequer, uma penitência, mas uma glória de que não se considera digno. Algo semelhante ocorre com Santo André, seu irmão. Segundo a lenda, ao aproximar-se da cruz em aspa em que seria supliciado, consta que André teria exultado de gozo, manifestando com júbilo aquele glorioso encontro, há muito por ele desejado. Mais uma vez, a cruz não é encarada como um penoso obstáculo ou apenas um remédio necessário, que se tolera mas não se deseja, mas como a maior glória que pode ser dada a um ser humano, precisamente porque o equipara a Jesus Cristo Nosso Senhor no seu maior amor.

- 5. O mistério da cruz na vida e na doutrina de São Paulo.** Se já se observou que, no âmbito destas considerações, não cabe uma análise aprofundada do mistério da cruz segundo os Santos Evangelhos, o mesmo se diga em relação ao *corpus* paulino, também particularmente rico e complexo no que se refere a esta questão. No entanto, permita-se um breve apontamento sobre o particular, sobretudo com o intuito de apontar algumas pistas a desenvolver na oração e na meditação pessoal.



Antes, contudo, de abordar esta questão, refira-se que a ciência da cruz não é, em Paulo de Tarso, meramente teórica, mas algo vivo e existencial. Aliás, é significativo que o próprio Cristo, quando esclarece Ananias sobre a missão de Saulo, já após a sua conversão mas antes ainda do seu baptismo, dá-lhe a conhecer quanto aquele homem iria sofrer pela fé (cfr. Act 9, 16), dando assim a entender que a sua identificação com Cristo não é um processo apenas ou principalmente intelectual, mas sobretudo existencial, uma identificação plena que se há-de manifestar também na gozosa realidade da Cruz.

5.1. *A cruz como promessa de salvação* (cfr. 1 Cor 1, 18-25). É de uma imensa actualidade o discurso de Saulo aos coríntios, quando contrapõe a Cruz, que é loucura e escândalo, aos milagres que procuram os judeus e à sabedoria que desejam os gregos. Como é óbvio, São Paulo não nega o valor dos milagres, sinais de Deus que favorecem a fé, nem se opõe à sabedoria, dom do Espírito Santo, mas esclarece que só a Cruz nos pode salvar, porque foi pela Cruz que Deus quis reconciliar o mundo consigo por Jesus Cristo Nosso Senhor. Também hoje não faltam seitas que ofereçam milagres, ou ideologias que prometam novas teorias, mas esses caminhos não nos salvam, porque não foi por seu intermédio que nos foi dada a graça da redenção.

5.2. *A cruz como convite à humildade cristã* (cfr. 1 Cor 1, 26-29). É frequente a tentação de pensar que as nossas cruces são os outros, é o mundo, são os defeitos e pecados do nosso próximo, etc. Uma tal atitude releva um certo farisaísmo porque, na realidade, essa perspectiva pressupõe um estatuto de santidade para quem tem a soberba de se considerar apenas vítima do mal. Jesus esclareceu que tinha vindo chamar não os justos, mas os pecadores, e Paulo, que se considera a si mesmo como um aborto, faz ver aos primeiros cristãos que eles não são nenhuma elite, mas um conjunto de pobres homens e mulheres que a graça de Deus redimiu. A indignação ante a cruz é sempre, por isso, uma reacção do orgulho de quem não se conhece com verdade e, por isso, ignora a sua verdadeira condição.

5.3. *A cruz como instrumento de santificação pessoal*. As frequentes referências à prática da mortificação voluntária (cfr. Gal 2, 19-20; 5, 24; Flp 3, 18-21, etc.), poderiam relevar, segundo uma análise superficial, algum masoquismo ou resquícios



de um inconcebível desprezo pelo corpo humano ou pelo prazer. Na realidade, também o homem descrente se mortifica, às vezes até muito duramente, por aquilo que entende prioritário na sua vida: sacrifica-se pelo dinheiro, pelo poder, pela imagem, pela beleza, etc. Ou seja, a mortificação não é irracional, mas o ser humano só é capaz de sofrer por aquilo que ama. Se um cristão ama a Deus e deseja alcançar a santidade, não poderá deixar de recorrer a esta prática, pelo menos com o mesmo empenho com que os mundanos procuram alcançar os bens terrenos.

5.4. *A cruz como apostolado cristão.* São Paulo não se limita a suportar estoicamente as adversidades, nem se limita a exercitar-se na prática da mortificação voluntária, como quem se prepara para um combate ou uma prova decisiva. Pelo contrário, alegra-se por completar na sua carne o que falta à paixão de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja (cfr. Col 1, 24-29). Para um cristão, a Cruz é sempre um trunfo, um tesouro, a imerecida graça de completar, não obstante a nossa pessoal indignidade, a redenção de toda a humanidade.

- 6. Conclusão.** Em jeito de conclusão, apenas duas muito breves notas, a propósito do conhecido texto relativo à excelência da caridade (cfr. 1 Cor 13, 1-7). A primeira, para fazer notar que, como de forma tão eloquente expressa o Apóstolo das Gentes, a mortificação cristã não se mede pelo grau de dificuldade do sacrifício, porque realizações extremamente penosas podem nada valer aos olhos de Deus, enquanto outras, objectivamente de menos monta, podem ter um valor infinito a Seus olhos. Com efeito, e esta é a segunda observação que se impõe, é o amor que dá transcendência sobrenatural ao sacrifício cristão, porque a mortificação mais grata a Deus é precisamente aquela que nos leva, segundo o inspirado ensinamento paulino, a tudo desculpar, tudo crer, tudo esperar e tudo suportar (cfr. 1 Cor 13, 7).